

Copyrighted Material

NARRATIVAS NEGRAS

Biografias ilustradas de
mulheres pretas brasileiras

CONSTRUÍDO PELO
COLETIVO NARRATIVAS NEGRAS

Copyrighted Material

NARRATIVAS NEGRAS

**Biografias ilustradas de
mulheres pretas brasileiras**





**COLETIVO
NARRATIVAS NEGRAS**



**EDITORA
VOO**



**DESENVOLVEDORA
COLETIVA EVOÉ**

NARRATIVAS NEGRAS

**Biografias ilustradas de
mulheres pretas brasileiras**

**CONSTRUÍDO PELO
COLETIVO NARRATIVAS NEGRAS**

MULHERES PRETAS

Copyrighted Material

TÊM NARRATIVAS

NOTA DA IDEALIZADORA 06
PREFÁCIO POR CÁTIA MARINGOLO 08

ABOLIÇÃO

12

ADELINA, A CHARUTEIRA 14 • AQUALTUNE 18 •
CHICA DA SILVA 24 • DANDARA DOS PALMARES 30
• LUIZA MAHIN 36 • MARIA FELIPA 42 • TEREZA DE
BENGUELA 46

CULTURA

52

CLEMENTINA DE JESUS 54 • DONA IVONE LARA 58
• ELZA SOARES 64 • MÃE BEATA 70 • MÃE LUIZA 76
• MÃE MENININHA 80 • MÃE STELLA 86 • ROSANA
PAULINO 92 • RUTH DE SOUZA 96 • TIA CIATA 100

EDUCAÇÃO

106

BEATRIZ NASCIMENTO 108 • CAROLINA DE JESUS 114 •
CONCEIÇÃO EVARISTO 120 • GENI GUIMARÃES 126 •
MARIA FÍRMINA 130 • SONIA GUIMARÃES 134

138

ESPORTE

**AÍDA DOS SANTOS 140 • IRENICE RODRIGUES 148 •
MARTA DA SILVA 154**

160

POLÍTICA

**ALMERINDA FARIAS GAMA 162 • ANTONIETA DE BARROS
166 • BENEDITA DA SILVA 170 • DJAMILA RIBEIRO 176 •
ESPERANÇA GARCIA 182 • EVA DE BONSUCESSO 186 •
JOVITA FEITOSA 190 • KENIA MARIA 194 • LAUDELINA MELO
198 • LÉLIA GONZALEZ 204 • MARIELLE FRANCO 210 •
MARLI SOARES 218 • SUELI CARNEIRO 224**

230

SAÚDE

BERENICE KIKUCHI 232 • NEUSA SOUZA 238

***GLOSSÁRIO 248
REFERÊNCIAS 266
SOBRE AS ESCRITORAS 292
SOBRE AS ILUSTRADORAS 302
SOBRE A EDITORA 316**

***Os termos sublinhados em amarelo ao longo das biografias correspondem aos termos do glossário.**

NOTA DA IDEALIZADORA

1999, UX Designer, Geminiana, São Paulo



Para quem não me conhece, meu nome é Isadora Ribeiro dos Santos e sou idealizadora, líder de comunicação visual, designer e uma das ilustradoras no livro *Narrativas Negras*.

Comecei este projeto em abril de 2019, quando precisei criar um protótipo de livro para uma disciplina do 5º período do curso de Design Gráfico na Universidade do Estado

de Minas Gerais (UEMG). Mas eu não gostaria que o projeto ficasse na gaveta depois de pronto, e por isso nasceu a necessidade de criar algo com o que eu me identificasse. Assim, surgiu a ideia de pesquisar sobre as nossas ancestrais pretas, já que há alguns anos já havia me “tornado” negra, mas não conhecia nossa ancestralidade, principalmente, feminina.

Como sou designer e não escritora, decidi tornar a construção do projeto coletiva. Foi assim que convoquei 60 mulheres por redes sociais para escrever e ilustrar as mulheres pretas do Brasil.

Publicar esta obra significa tanto para mim que é impossível resumir neste texto, mas

acredito que os pontos mais significativos são: a representatividade da mulher preta e o empobrecimento da literatura negra brasileira. E é óbvio que apenas esta obra não é capaz de cobrir esses buracos causados pelo preconceito e o genocídio do nosso povo; por isso, como o Coletivo Narrativas Negras tem como objetivo dar protagonismo ao povo preto, isto é, não iremos parar apenas neste livro! Daremos continuidade ao projeto, a fim de garantir um dos nossos principais pilares: a empregabilidade e a profissionalização da mulher preta, principalmente, no setor editorial.

Sou eternamente grata a todas as mulheres que tornaram esta ideia possível e que acreditam na força deste coletivo! Em especial, agradeço aos meus orientadores Ricardo Portilho e Paulo Cruz que, apesar de homens brancos, sempre acreditaram no potencial do projeto; à Júlia Rodrigues, cocriadora do Narrativas Negras, líder de comunicação textual e umas das escritoras desta obra, que sempre me deu força para não desacreditar deste sonho; à Bruna Silveira, coordenadora de produção editorial, que coordenou com assiduidade os processos de revisões e editoração desta obra e das muitas que virão; à minha família pela dedicação, amor, apoio e por facilitar meus caminhos até o ensino público superior, tão pouco frequentado por mulheres pretas. Por último, agradeço a você que acredita na importância de lutar pela visibilidade e igualdade do povo preto.

Boa leitura, nos vemos em breve!

Isadora Ribeiro

PREFÁCIO

Cátia Maringolo, Educadora social e doutoranda

Com a certeza de que Orixás nos iluminam e nos refletem (nas histórias e vidas das mulheres negras aqui presentes), derramando gotas iluminadas de Axé em nosso Ori, seguimos, juntas!

A história das mulheres negras no Brasil, na grande maioria das vezes, reverbera processos contínuos de invisibilização, apagamento e silenciamento, seja tanto numa quase que disseminada percepção (e falsa afirmação) de que não temos relatos e narrativas suficientes de existências negras quanto na de que essas mesmas experiências são relampejos raros e insuficientes na colcha de memórias e histórias que compõem o aparentemente homogêneo tecido social brasileiro. Porém, o que o presente livro contundentemente demonstra é que as várias histórias de mulheres negras brasileiras não podem ser compreendidas como uma história de inexistência, já que refletem uma multiplicidade de possibilidades de existência, de criação e consolidação de redes de solidariedade, apoio e afeto. Além disso, o que este livro nos permite compreender é que a vida

Mesmo que eu não saiba falar a língua

dos anjos e dos homens

a chuva e o vento

purificam a terra

Mesmo que eu não saiba falar a língua

dos anjos e dos homens

Orixás iluminam e refletem-me derramando

gotas

iluminadas de Axé no meu Ori

Miriam Alves, “Gotas”

das mulheres negras aqui selecionadas são vidas de amor e de revolução, inscritas na reivindicação de afirmarmos que, para além de resistirmos, EXISTIMOS e amamos.

Temos tecido nossas vidas a partir dos fios da coragem, da luta, das memórias e existências de nossas mais velhas, nossas ancestrais, num tempo e espaço que se expandem para além do que podemos (mesmo se quiséssemos) agarrar com nossas mãos. As mulheres negras que se fazem presentes e presentificadas nos quarenta e um relatos biográficos deste livro, nos permitem acessar passados emancipados, nos informam sobre a importância de retornarmos às nossas memórias ancestrais para que possamos ter a esperança de futuros mais possíveis, mais justos.

Para além de falar sobre REsistências, interessa-me profundamente falar de múltiplas, variadas e multicoloridas EXISTÊNCIAS de mulheres negras brasileiras, como as biografias presentes nesta obra nos permitem vislumbrar. Costurada pelas memórias de Dandara, Maria Felipa de Oliveira, Luiza Mahin, Tereza de Benguela, Maria Firmina dos Reis, Chica da Silva, Carolina Maria de Jesus, Marielle Franco, Marta dos Santos, Conceição Evaristo, Mãe Stella de Oxóssi, dentre outras, *Narrativas Negras* se constrói pontuando como as variadas vivências e experiências de vida aqui presentes são profundamente afetadas por múltiplas estruturas de discriminação e pela interseccionalidade de matrizes de opressão, como o machismo, o cisheteropatriarcado, a misoginia, o racismo estrutural e estruturante, o colonialismo, o capitalismo, pelas violências físicas, psicológicas e de classe. Entretanto, *Narrativas Negras* também nos possibilita enxergar em Dona Ivone Lara, Geni Guimarães, Neusa Santos Souza, Elza Soares, Mãe Beata de Yemanjá, Aida dos Santos, Sonia Guimarães histórias de mulheres em oposição a processos históricos de desumanização e destruição, que tornaram nossos corpos, nossas mentes, saberes, conhecimentos, nossas inventividades, criatividade e astúcia em mercadoria, em objeto e coisa.

Narrar essas histórias é também um processo de humanizar existências de mulheres negras, mulheres que foram (ou são) mães, doutoras, contadoras de história, guerreiras, atletas, acadêmicas, donas de casa, escritoras, mães de santo, lavadeiras, empregadas domésticas, artistas, criadoras e possuidoras de diversos saberes e conhecimentos, que resistem a processos contínuos de esquecimento e apagamento. Ouvir (e contar) essas histórias é uma tentativa também de decolonizar nosso conhecimento, de reivindicar existências, de versar sobre a importância (e urgência) da representatividade, não enquanto um discurso raso, liberal e capitalista de diversidade, mas como prerrogativa para pensarmos sobre nossas vivências enquanto sociedade brasileira. Assim, esta obra nos aponta para a imensa necessidade de oferecermos e acolhermos narrativas e discursos emancipatórios. As vidas aqui presentes não podem ser assumidas apenas enquanto práticas pedagógicas antirracistas (pois isso significaria colocar mais um fardo sobre ombros já tão oprimidos e explorados), mas, parece-me, como uma urgência de conjuntamente praticarmos políticas e ações revolucionárias emancipatórias e feministas.

As histórias de mulheres negras e a resistência de narrativas para além das exigências normalizadoras e excludentes da cultura letrada ocidental (da história “escrita e marcada” no papel) representam umas das mais significativas formas de subversão e oposição ao etnocídio (a destruição da cultura de um povo) e ao memoricídio (destruição da memória). Ao narrar suas histórias, seja por meio de contação de relatos orais, por cantos ou por escritos, por meio de biografias, poesias, pela palavra dita ao pé do ouvido ou aquela declamada em voz alta enquanto seguimos com nossos afazeres diários, as mulheres negras possibilitam outras visões sobre suas experiências, sobre suas histórias, e, principalmente, sobre seus tempos, suas vidas, e seus anseios.

No Festival Internacional Literário de Belo Horizonte (FLI-BH) realizado em 2019, a escritora Eliana Alves Cruz, uma das mais

proeminentes escritoras da contemporaneidade, falou sobre a escrita de seu romance de estreia, *Água de barrela*, vencedor em 2015 do prêmio Oliveira Silveira da Fundação Palmares. A obra conta a história de sua família, desde o século 19 até os anos 2000. Durante sua fala, Cruz dizia que sua existência, sua condição enquanto escritora, deve-se a estratégias

**Amor nasce enfeitando a gente,
Colorindo os dias e as noites.
Com o tempo o amor vai escorrendo
entre os dedos,
escapando como água,
pelas frestas das nascentes.
Vai feito correnteza
Em busca de abrigo,
e deságua na entrega,
depois começa e termina,
de novo e de novo.**

Elisa Pereira, *Memórias da pele*

empregadas por suas ancestrais, mulheres negras, para lhe garantir um futuro, para lhe possibilitar viver. A escritora comentou sobre compreender que era por causa dos artifícios de suas ancestrais, desde o período colonial, que naquele dia podia estar na FLL, falando sobre sua escrita, sobre suas obras, sobre sua família. Interessante pensar que, por mais que as vidas das pessoas negras da diáspora sejam marcadas pela incontornável presença de uma morte anunciada, a autora frisa a importância da VIDA como tecido memorial de sua escrita.

As múltiplas estratégias de futuro adotadas por mulheres negras nos possibilitam enxergarmos essas vidas pelo viés da criatividade, dos saberes, da resistência e da resiliência. Não pela ótica da mistificação ou da desumanização, mas sim pela perspectiva do agenciamento, da ética, da reivindicação, da liberdade, apesar das amarras e das constrições. Nos permite falar não de mortes, mas de vidas, de afetos, de cuidados e amor. Porque, talvez, ainda precisemos, como nossa liberdade, como o direito a nossa vida e a dos nossos, reivindicar nossos amores, nossas memórias e histórias.

MULHERES PRETAS DA ABOLIÇÃO

ADELINA, A CHARUTEIRA 14 • AQUALTUNE 18 •
CHICA DA SILVA 24 • DANDARA DOS PALMARES 30 •
LUIZA MAHIN 36 • MARIA FELIPA 42 •
TEREZA DE BENGUELA 46

ADELINA, A CHARUTEIRA

1859 - data desconhecida, Vendedora, Maranhão

Adelina nasceu em São Luís do Maranhão no dia 7 de abril de 1859. Foi batizada segundo os costumes católicos pelo reverendo padre Antonio Francelino de Abreu, na Igreja Matriz. Era filha de uma mulher escravizada, conhecida como Boca da Noite, e de um rico senhor de escravizados.

Ela e a mãe recebiam por parte dele tratamento diferenciado dos demais escravizados. Adelina sabia ler e escrever. O pai prometeu que daria à filha

a alforria quando ela completasse 17 anos, porém o dito não se cumpriu. Quando o homem perdeu as riquezas da família, passou a fabricar charutos. Adelina, então, tornou-se ganhadeira, ou seja, uma escravizada que tinha como função sair às vendas e retornar com os ganhos para o senhor de escravizados. No seu caso, Adelina era a encarregada das vendas dos charutos produzidos pelo pai e senhor.

Copyrighted Material



Copyrighted Material

Ela saía duas vezes ao dia e percorria a cidade entregando tabuleiros de charutos de botequim em botequim, ou vendendo avulso para os transeuntes. Em sua peregrinação por São Luís, procurava parar sempre no Largo do Carmo, onde estudantes do Liceu eram seus fregueses. Durante as vendas no Largo, conheceu o movimento abolicionista. Acabou por aproximar-se do movimento por meio dos estudantes que promoviam comícios nas escadarias da escola.

Como Adelina conhecia muito bem as ruas da cidade (fruto de suas andanças como vendedora), podia ajudar os manifestantes a fugirem da polícia, bem como colaborar para a articulação da fuga de pessoas escravizadas. Acabou virando informante do Clube dos Mortos, uma associação de estudantes abolicionistas. Passava a seus companheiros os planos secretos de perseguição aos escravizados e informações sobre ataques da Corte aos quilombos. Contribuía também na venda e na troca de insumos para manutenção dos povoados quilombolas.

Adelina se tornou uma líder abolicionista. Sua contribuição foi marcada por histórias como a de uma mulher escravizada chamada Esperança, que fugiu para a província do Ceará com o comerciante português de quem estava grávida.

**“CHARUTOS NA RUA
ELA VENDIA, QUE O
SEU PAI FABRICAVA.
CUMPRIA A TAREFA E
APRENDIA, O QUE NA
VIDA SE PASSAVA.
ELA TINHA A ALMA
JUSTICEIRA, E
ABOMINAVA A
ESCRAVIDÃO.
SALVE ADELINA, A
CHARUTEIRA, DE SÃO
LUÍS DO MARANHÃO.
(...)”**



Continue sua leitura do livro!



[CLIQUE AQUI](#) para comprar seu exemplar
ou acesse pelo QR Code abaixo.



MULHERES PRETAS TÊM NARRATIVAS

Quem são as mulheres negras brasileiras que nos inspiram na atualidade? Elas tiveram referências negras no passado ou se sentiam representadas? Essas foram as perguntas de partida desta obra, que nasceu da escassez de conteúdos confiáveis sobre a história e a representatividade da mulher negra brasileira. Pensamos que compreender e conhecer nossas ancestralidades é de fundamental importância para mudar e construir um novo futuro, com mais força e identidade.

O livro Narrativas Negras nasceu da vontade de levar a história de mulheres negras brasileiras – que transformaram o rumo histórico do Brasil – até meninas e mulheres negras, que transformarão o amanhã do nosso país. Hoje, reconhecemos os apagamentos históricos sofridos pela comunidade negra feminina, que lutou e ainda luta de maneira ativa para a construção de uma sociedade mais justa. Dessas mulheres, as representadas nesta obra são aquelas que não tiveram suas histórias contadas, ou mesmo que o tiveram, mas de forma questionável, sendo lembradas apenas em novembro, no Dia da Consciência Negra, ou em outras datas “especiais”. Já a seleção das personalidades femininas negras contemporâneas foi feita a partir de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, com resultados que nos possibilitaram listar as personalidades que mais representam e são lembradas atualmente pela comunidade.

Esta obra mostra a concretude da cosmovisão de Angela Davis, que afirma: “Quando a mulher negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”.

